



POR LUIZ BERSOU,
 BCA - WCS CONSULTORIA
 ✉: LUIZBERSOU@BCACONSULTORIA.COM.BR

UMA VERDADE INCONVENIENTE

Ainda me recordo de quando um programa de gestão muito bem conduzido no passado transformou a Coreia do Sul – nação destruída pela guerra na época – na potência mundial que é hoje. O planejamento colocado em ação fez grande um pequeno país, que é a Coreia do Sul em termos territoriais e populacionais.

Comparativamente ao “Brasil Grande”, do qual tanto nos orgulhamos, aqueles gestores públicos fizeram milagres a partir de coragem e visão grandiosas para fazer das exportações uma importante parte do caminho do crescimento e, em seguida, do sucesso sul-coreano.

Hoje no Brasil estamos vivendo um momento em que a crise bate fundo. Noticiários mostram o desemprego se disseminando e contaminando todas as camadas sociais. As contas públicas não fecham, e as propostas para um Brasil mais competitivo ficam pelo caminho até prova em contrário.

O fato é que, quando o mercado interno se enfraquece, a saída para muitos empresários é a exportação. Com esse esforço, que agora aproveita um pouco a melhoria da condição competitiva pela variação cambial, buscam-se negócios e, com isso, a retomada de ciclos de vida.

Importância estratégica de pretensões do governo

Neste momento de busca de saídas estratégicas, é vital o funcionamento de nossas infraestruturas, em particular de tudo o que se relaciona à exportação. Temos portos que têm custo operacional muito elevado – aliás, elevado demais –, além de serem lentos, inseguros e até mesmo insuficientes. É grave, então, a pretensão do governo de aumentar em até 30% as tarifas portuárias, como recentemente noticiado.

O que era lento e oneroso fica ainda mais caro, indo no contrafluxo das medidas para exportar mais. O governo acaba por imprimir uma agitação paralisante no sistema, no afã de cuidar de seus problemas, sem se dar conta de que tem como missão servir à nação, e não a si próprio.

Uma inversão de visão e o peso do campo de valor

Estamos acostumados a um raciocínio velho demais para manter-se em pé. O preço a ser pago no Brasil é ainda, em muitos casos, formado a partir dos custos variáveis mais rateios de custos fixos, mais impostos, mais margens, chegando-se a um valor de referência, objetivo de venda, prestação de serviços ou compra.

Nesse tipo de raciocínio, incluímos na conta todo um conjunto de gorduras que caracterizam tão bem algo chamado Campo de Valor, que

expõe o posicionamento do Estado e tantas exigências, para as necessidades de caixa do governo que não fecham mais. Não se leva em conta a nação, entidade que essas duas instituições deveriam servir, mas que na verdade estão buscando ser servidas.

A seguinte pergunta, então, se impõe: para exportar mais e melhor, o que se pode colocar na conta de referência? Esse raciocínio deveria ser a base para uma análise de ordem inversa em todos os campos de atividade que temos no Brasil. Se o mundo lá fora, a realidade da vida, nos diz que o custo suportável é esse ou aquele, como fazer para que nós também consigamos chegar a essa referência?

A verdade inconveniente

O mercado interno, onde se aceitam empresários convivendo com suas histórias de baixa produtividade, custos elevados e agora rendimentos decrescentes, foi sempre, pelo fator “Brasil Grande”, um anestésico dos empresários e suas entidades representativas, o que debilita aqueles que não se fortalecem, porque não precisam lutar muito.

Lutam menos ou não lutam o suficiente para construir a nação competitiva como fez a Coreia do Sul. Já na época de Mario Amato na presidência da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), eu dizia que a referência de todo debate deveria ser o direito de ser competitivo, e não a defesa dos direitos de preservar os que não lutam para ser competitivos.

Muitas vezes, usa-se o argumento de que o peso do Estado e o custo do governo impedem a condição competitiva que precisa ser alcançada. Acontece que a nação já sabe, há anos, que aquilo que deveria ser um Campo de Valor, onde as figuras representativas do Estado e do governo convivem com a nação, virou na verdade um Campo de Destruição de Valor. Nessa relação, todos os envolvidos no jogo ganham, menos o empresário que sustenta toda a cadeia de valores. Esse ou ganha muito pouco ou perde.

Liberdade e empreendimento e outra verdade inconveniente

O que está acontecendo no Campo de Valor a envolver nossas atividades produtivas deixou de ser representação de atos regulatórios para se transformar em atos confiscatórios de justiça e liberdade. Enquanto isso, nossas entidades representativas continuam esperando por um Estado de Direito que lhes seja conveniente, mas que não cabe mais no atual mundo moderno e extremamente competitivo. Por mais duro que seja, é preciso enfrentar a realidade como ela é. ■